

## CORREIO DO MEIO-DIA

SEMANARIO POLITICO. INDUSTRIAL E NOTICIOSO. DO ALGARVE

REDATOR RESPONSAVEL:— LUIZ MASCARENHAS

CONDICÕES DA ASSIGNATURA—Para Portimão, por anno 4.5600 réis; semestre 990 réis; trimestre 300 réis. Para as outras localidades accresce a importâcia das estâm pilhas.

Correspondencias de interesse particular 40 réis por linha. Annuncios 20 réis por linha; metade dos preços para os assignantes,

Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, à redacção d'esta folha, em Portimão. Os originaes enviados á redacção, quer sejam ou não publicados, não serão restituídos.

## EXPEDIENTE

**Pedimos aos srs. assignantes que se achem em débito com o 1.º e 2.º trimestre, o obsequio de nos enviar o importe da sua assignatura em estampilhas do correio.**

## PORTIMÃO 16 DE JANEIRO

Vemos confirmadas felizmente as esperanças que n'este logar exposemos, quando aconselhamos aos eleitores d'este círculo a proficiude de applicarem os seus suffragios ao benemerito homem político que com tanto disvelo põe em serviço das coisas do Algarve, a sua energica actividade e a sua provada intelligencia.

Não desmentiu elle as aspirações dos algarvios, quando lhe confiaram dois mandatos e inauguraram um movimento político que lhe significou as justas aquisições de gratidão que fizera nos corações dos algarvios, não prevertidos pela serpe asquerosa do egoísmo e da inveja, mas dominados tão sómente pelo amor da província de que são filhos extremos.

O sr. João Gualberto de Barros e Cunha, deputado pelos círculos de Lagos e Silves, não passou em descanso o tempo que mediou até à abertura das camaras e apresentou quatro projectos de leis cujos relatórios com provam mais uma vez os dotes intellectuaes de s. ex.<sup>a</sup> o o seu profundo estudo em matérias tão vastas e que demandam fina perspicacia.

Congratulamo-nos com os nossos correligionarios por tão digna representação dos nossos princípios e das nossas aspirações e aos eleitores que descuidosos de coisas publicas confiaram nas nossas indicações, deixamo lhes a prova de que não os enganámos e quão sincera e convicta era a opinião que defendiamos.

Os projectos apresentados pelo sr. Barros e Cunha referem-se:

A' construcção do caminho de ferro do Algarve, independente das negociações das duas Beiras.

Mandando prolongar a estrada real n.º 78 de Lagos a Sagres e a n.º 76 de Monchique à linha ferrea de Cazevel a Faro, ambas como estradas reaes de 1.ª classe.

Renovando a iniciativa do projecto que apresentou na sessão passada assim de se dar por conta do estado 8.000.5000 réis de subvenção annual para a canalisação da ria de Silves e barra de Portimão e obrigando o estado a gastar annualmente esta subvenção e o imposto de 21 de julho de 1852.

Melhorando as condições da instrucção primaria pelo augmento do subsidio aos professores, obrigação de construcção d'uma casa em condições, em cada parochia e establecendo penalidades aos paes que não mandam os filhos ás escolas bem como establecendo regalias no recensamento militar para os que sabem ler.

Para melhoramento da barra e rio de Faro. Uma nota de interpellação para melhoria do porto de Lagos e enclugamento dos pantanos proximos d'aqueila cidade.

São todas medidas de grande alcance para o provincia e que a camara terá na devida atenção como sempre tem aconcedido aos trabalhos do sr. Barros e Cunha quando mesmo na oposição.

S. ex.<sup>a</sup> que nos dispensa a honra de sua particular amizade e consideração, offereceu-nos a copia d'estes seus trabalhos.

Agradecemol-a por nós e pelos nossos leitores a quem os exporemos na nossa folha.

*Projecto de lei apresentado em cortes na sessão de 27 de janeiro de 1874 e renovada a iniciativa na sessão de 14 de janeiro de 1875 depois da adopção das comissões de fazenda e obras publicas, pelo deputado pelos círculos de Silves e Lagos o sr. João Gualberto de Barros e Cunha.*

*Senhores:*—Em 24 de abril de 1871 tive a honra de submeter á consideração dos corpos legislativos um projecto, que foi convertido em lei, alterando a carta de lei de julho de 1862 na parte que mandava construir uma ponte na estrada do litoral sobre o rio Portimão com o imposto especial cobrado na barra de Villa Nova, o qual ficou

depois d'esse acto legislativo totalmente consignado ao juro e amortisacão dos emprestimos destinados a canalizar a ria de Silves.

Propõe entâo que, a exemplo do que se adoptara para as obras da barra de Vianna do Castello na carta de lei de 21 de julho de 1852, da qual a lei de 7 de julho de 1862 era fiel copia, se applicasse da verba destinada ao melhoramento de portos e rios a somma annual de 6.000.5000 réis que, juntos ao producto do imposto especial, habilitasse o governo a realizar as obras da ria de Silves, orçadas só por si em 1.070.000.5000 réis.

A camara de então, na sua prudente sabedoria, não attendeu n'esta parte com igual favor o meu projecto, e limitou se a desebar achar o imposto especial do encargo da ponte, julgando o sufficiente para as obras da ria.

Não corresponderam a estas esperanças lisonjeiras, contra as quaes, para não prejudicar mais os meus constituintes, me absolve entâo de reclamar. O imposto especial, posto que tenha crescido, não tem sido bastante para se dar cumprimento á lei, e o governo despende em obras alheia á canalisação da ria de Silves o que só devia servir para pagar e garantir o emprestimo que a lei manda contractar com juro e amortisacão para esse fim.

Rasão alguma existe, senhores, para dar a Vianna do Castello 4.000.5000 réis, quando o imposto especial da sua barra não tem excedido 4.000.5000 réis annuaes, e negar o subsidio a Silves e Villa Nova de Portimão, onde o mesmo imposto se tem elevado a 13.000.5000 réis.

Desde que os impostos se estabeleceram temos o seguinte quadro, tomando igual numero de annos em ambos os pontos:

## IMPOSTO ESPECIAL

Anños	V.º do Castello	Portimão
	Carta de lei de 23 de julho de 1852	C.º de lei de 7 de julho de 1862
1867—1868....	4.100.5000	11.219.551
1868—1869....	4.290.5000	9.455.528
1869—1870....	5.400.5000	9.502.548
1870—1871....	5.100.5000	10.516.522
1871—1872....	5.300.5000	10.500.5000

A esta noticia Margarida sentiu que as forças a abandonavam. Reconheceu entâo que ainda havia um suplicio mais doloroso do que a ausencia d'um ente amado; era o receio de perder o! Todos os dias ia orar com mais fervor aos pés da cruz protectora, pela conservação do seu desposado. Todas as noites quando entrava perguntava a Gertrudes:

—Então, João escreveu?

A bôa velha abanava a cabeça, e em silenciosa desesperação, parecia dizer: «Ah! João não tornará a escrever.

Margarida tentava animar-a e dar-lhe esperanças que nem se quer ella tinha. Parecia lhe que uma grande infelicidade a esperava.

E com efeito, estes pressentimentos, não a enganavam.

Ella voltava um dia de Bagueres mais inquieta e triste do que nunca.

O céu estava toldado de immensas nuvens negras.

O vento que as impellia com a rapidez juntava os sens assobios furiosos aos roncos do trovão. A folhagem das arvores, saccudida com violencia fazia ouvir um ruido monotono e lugubre, similar ao barulho que faz o mar agitado.

Os relâmpagos que se succediam, uns apôz outros, presagiam a explosão proxima da

tormenta. Margarida apressava o passo na esperança de chegar a casa antes que isto acontecesse. Trabalho inutil: pelas grandes gotas d'água desprendidas das nuvens, reconheceu logo a approximação do furacão. N'este momento, descobre uma d'estas cavidades que se veem ordinariamente nos paizes de rochas e montanhas, onde se mette. Ha apenas alguns instantes que ahi se acha, quando a tempestade rebenta com todo o furor. Derepente um clarão fulgurante incendia a atmosphera. Segue-se uma detonação horrivel. Não ha duvida, o raio acaba de cahir proximo: Margarida sentiu o echo d'este ruido terrivel resoar no intimo da sua alma. Uma agitação indefinida, faz com que saia do abrigo que tinha buscado: insensivel ás torrentes de chuva que a molham e lhe correm do fato, ella atravessa como louca, o espaço que a separa de Campan. Ouve ao longe uns sons medonhos e julgaver no horizonte uns reflexos vermelhos e afogueados.

As primeiras pessoas que encontra, corre para elles dando indícios de afflictão e de susto.

—E' fogo? lhes pergunta, onde é?

Deixavam-a com gestos de compaixão.

—Proximo da minha cabana, respondia? talvez mesmo na minha cabana?..

E a mãe d'elle, bom Deus! o que sera d'ella?

1872—1873....	5.450.5000	13.500.5000
1873—1874....	6.000.5000	13.000.5000
	35.940.5000	77.393.5845

Não ha nos orçamentos do estado calculos da receita do imposto especial de Vianna do Castello anteriormente a 1867, mas, tomando igual numero de annos, de 1867-1868 até 1873 1874, demonstra se que Vianna do Castello, pagando 35.940.5000 réis, recebe dos cofres centraes réis 28.000.5000, somma quasi equivalente no imposto especial; Portimão, pagando de imposto especial 77.393.5845 réis, não recebe nada.

Daqui resulta que, n'un ponto do reino, em Vianna do Castello, se tem cumprido a mesma lei, que no outro ponto, no Algarve, não tem podido ter execucao.

Em Vianna do Castello melhora-se a barra, contibruindo o cofre central com 4.000.5 réis annuaes, em Villa Nova de Portimão desvia-se o imposto especial para despezas diferentes d'aquellas a que devia ser applicado.

Se em 1862 se tivesse procedido com a justa e equitativa imparcialidade que, para mim tenho, deve dirigir os actos do poder legislativo, a ria de Silves estaria hoje navegavel, a ponte da estrada real construida, e eu não teria tido a missão desagradavel, difícil e quasi impossivel de repetir todos os annos as mesmas instancias para obter o cumprimento dos artigos expressos d'un diploma com disposições cominativas contra os ministros que o violassem.

Não darei maior desenvolvimento á serie de considerações que dimanam do favor com que se attende ao Minho e do abandono em que se deixa o Algarve. Devia pedir, que ao Algarve se desse a indemnisação, que corresponde ao imposto que Villa Nova de Portimão, Lagoa e Silves teem pago, na mesma proporção em que se teem subsidiado Vianna do Castello. Não peço.

Desde a sua promulgação até hoje, todos os governos, impenitentes e relapsos, teem infrigido a lei de 7 de julho de 1862. Devia propor a sua derogação; tambem a não proponho.

Rogo e depreco á camara, e ao governo a justiça, não já para reparar o passado mas para acudir ao futuro.

E elevadissima a somma em que estão

Na maior anciadade a pobre criança chega emfim ao lugar do desasatre. Adivinha o fogo do céu devorava a pobre casa, que estava rodeada pelos camponezes consternados.

—Mãe! brada Margarida, onde estas? De dentro da lornalha, só lhe responde um grito de agonia.

—Espera-me, mãe! Vou salvar-te ou morrer contigo!

E antes que as pessoas que estavam mais proximas d'ella pensassem em detel a, a heroica rapariga passa correndo por entre o brazeiro. O horror é geral. Todos n'un passo d'anciade esperam o desfecho d'este drama. Não se ouve mais que o crepitar dos materiaes em combustão, no meio de novellos de fumo elevando-se em columnas do interior da cabana e donde saltam milhares de faiscas.

Passa um minuto, um seculo de impaciencia e afflictão! Emfim Margarida torna a aparecer, trazendo nos braços a sua querida mãe abrigando-a com o proprio corpo das chamas que a cercavam por todos os lados.

Mal teve tempo de confiar a aos cuidados das pessoas que lhe estavam proximas, extenuada, vencida, por este esforço supremo caiu sem sentidos nos braços d'ellas.

Quando tornou a abrir os olhos, continuou o cura, estava no meu presbyterio, para

## FOLHETIM

A PEROLA  
do  
VALLE DE CAMPAN

TRADUCCÃO

(Continuação)

O vestigio de lagrimas que muitas vezes se notava no papel provavam o excesso d'um sofrimento que lhe era impossivel dominar. Vendo provas d'um desespero immenso, Margarida commovida, respondia com lagrimas e não podia deixar de beijar as cartas do seu amante.

Mas mesmo esta consolação não tardou a acabar se. Um dia chega uma carta. Trazia o timbre de Alger. João annuncia que o seu regimento acabava de desembarcar em Africa, e iria imediatamente combater os arabes insurgentes, entrincheirados por detraz os muros de Zaatcha, esperavam ter muito que fazer pois os rebeldes estavam resolvidos a morrer até ao ultimo mas não entregarem as armas.

O vestigio de lagrimas que muitas vezes se notava no papel provavam o excesso d'um sofrimento que lhe era impossivel dominar. Vendo provas d'um desespero immenso, Margarida commovida, respondia com lagrimas e não podia deixar de beijar as cartas do seu amante.

O vento que as impellia com a rapidez juntava os sens assobios furiosos aos roncos do trovão. A folhagem das arvores, saccudida com violencia fazia ouvir um ruido monotono e lugubre, similar ao barulho que faz o mar agitado.

Os relâmpagos que se succediam, uns apôz outros, presagiam a explosão proxima da

orcadas as obras da ria de Silves. Apesar de avultada, como é, a verba que produz o imposto especial, não é ella suficiente para juro e amortização do capital indespensável, a fim de dar aquellas obras o desenvolvimento de que necessitam.

O subsidio por parte do estado é portanto de justiça, e eu ousaria pedi-lo, ainda quando não tivesse o exemplo e precedente que acabo de invocar.

Desde 1863 até hoje o imposto especial de Villa Nova de Portimão tem produzido 131:308\$486 réis, ou se ha de renunciar a ella ou applicá-la para o fim e na conformidade da lei que o estabeleceu.

Renunciar ao imposto é renunciar aos melhoramentos de maxima importância, e à utilidade que d'elles deve provir ao thesouro. Semeemos portanto para colher mais tarde. Se o imposto local não basta, contribua também o thesouro publico, e prestemos todos assim a homenagem que se deve à boa vontade com que o povo faz sacrifícios, para acudir a melhoramentos locaes.

E' com este fundamento que proponho à camara o seguinte:

*Projeto de lei.*—Art. 1º—Ao producto do imposto especial, criado pela carta de lei de 7 de julho de 1862, no porte de Villa Nova de Portimão, será applicada a verba de 8:000\$000 réis annual, para, juntamente com o mesmo imposto, ser applicada á canalização da ria de Silves, pela forma estabelecida na citada carta de lei.

§ unico. Este artigo fica fazendo parte integrante das cartas de lei de 7 de julho de 1862 e 14 de junho de 1871.

Sala das cortes, 27 de janeiro de 1874.

João Gualberto de Barros e Cunha.

#### CORRESPONDENCIAS

**SILVES, 44.**—O assumpto obrigado entre nós é ainda a estrada de Lagoa. Todos procuram anciósos saber qual a sua direcção definitiva. Todos desejam que fique comodamente e sem rodeios e é isso que se torna bem difícil, porque ou se hade attendr a que ella fique suave e nesse caso, tem de ir por Mata Mouriros e, por tanto de fazer uma volta muito considerável, ou a que ella fique o mais curta possível, então, tem de ir pela ladeira de S. Pedro, ficando com o maximo declive e sujeita a formidaveis precipícios e muito mais dispendiosa. Qual pois das duas direcções é preferivel? E' isso que se trata de resolver.

A questão é importante e merece ser atendida com toda a atenção.

Uma estrada não é obra para dois dias, é mais para o futuro do que para o presente e qualquer erro grave praticado no seu traçado é um desfeito que fica constantemente ferindo a vista e transtornando a comodidade dos transeuntes.

A opinião geral é favorável ao primeiro traçado, que é o da ladeira de S. Pedro.

Effectivamente é a direcção que nos parece mais razoável. Que importa que a estrada se torne mais dispendiosa por este lado? Que custe mesmo mais um ou dois contos? O que peza isso no futuro dos dois muni-

cipios? O que é esse excesso de sacrificio comparado com os prejuízos constantes que fica oferecendo uma estrada mal traçada e da qual muita gente tem de se desviar para incurtar as distâncias? Não é muito preferivel fazer um sacrificio passageiro para evitar um inconveniente que seria eterno? E' possível o acesso da estrada pela ladeira de S. Pedro, ficando esta segura e não excedendo o maximo do declive permitido pela lei que regula estas estradas? Nesse caso deve levar-se por este lado, é esta a nossa humilde opinião.

O sr. Macario esteve aqui ha poucos dias e foi examinar o traçado d'esta estrada; também hontem ali foi o sr. Menezes com o mesmo fim e informaram-nos que ambos reconhecem a vantagem e mesmo a necessidade de a levar por aquelle lugar.

Sabemos que o sr. Menezes se interessa muito porque esta estrada seja construída com a maior rapidez, e que, por isso, se promptifica a vir bem depressa fazer as expropriações da parte em que o estudo está feito e cujo traçado não tem de sofrer alteração. Da parte das camaras depende, pois o fazer que os trabalhos principiem quanto antes; e é isso que veremos muito breve, porque as duas camaras estão da melhor harmonia e nutrem os melhores desejos a tal respeito.

No theatro Garrett ensaia se com grande força o magnifico drama, a *Febrisa Envergonhada*, que nos consta subirá a scena no dia 31 do corrente mez. Dizem-nos que se trata de organizar uma boa orchestra para este espectáculo que, a muitos respeitos, promete oferecer importantes surpresas.

Consta-nos que vão a enfraquecer os trabalhos da estrada de S. Bartholomeu por falta de fundos. Não sabemos que vantagem haja em se trabalhar ao mesmo tempo em muitas estradas sem se concluir nenhuma senão passados muitos annos. Teremos estrada para muito tempo.

Teem inspirado aqui muito interesse as importantes propostas apresentadas na camera dos deputados pelo nosso eminente representante e incansável defensor dos interesses d'esta província.

(Do nosso correspondente.)

#### NOTÍCIAS DIVERSAS

**Acomarca em Portimão.**—Consta-nos que em Silves se recebeu uma carta de certo vulto da politica da actual situação e crêmos que membro da comissão encarregada de organizar a nova divisão judiciaria assegurando que podiam os portimonenses perder as esperanças de tornar cabeça de comarca porque no Algarve quando muito e dificilmente se crearia a de Villa Real de S. António, unica que é de justiça e de necessidade.

Não sabemos até que ponto é certo o conteúdo da carta que nos affiaram ter vindo, mas sendo assim perguntaremos aos homens da situação como hão de satisfazer ás suas promessas aos habitantes d'este concelho de que o governo lhes daria uma sede comarcal e que para tal se deveria votar na

lista ministerial na ultima eleição e de que resultou a enorme maioria d'esta assembléa.

Se lamentamos para Portimão um tal desengano n'uma das suas mais justas aspirações, não deixamos de nos comprovar em que os povos vão conhecendo as ilusões que aranam á sua credulidade os que tem por unico fim servir as proprias ambicções e tornar em utilidade pessoal a boa fé e sinceridade dos que ainda confiam em promessas que não estão na mão d'esses individuos cumpril as.

Voltaremos ao assumpto em occasião mais opportuna.

**Estrada entre Silves e Lagoa.**—Consta-nos que os grupos politicos de Silves discordam na directriz que deve tomar a estrada ao sair da cidade e causam receios ao engenheiro distrital de accusações de favoritismo a que a sua briosa dignidade deseja esquivar-se. E' certo que um ou outro grupo haverá de satisfeita a sua vontade, e que o contrario fará insinuações immerecidas.

D'estes embaraços se hade livrar muito dignamente o sr. Menezes resolvendo a questão pelas indicações da sciencia e dando de mão aos caluniadores que o desconsideraram.

Fique s. ex. bem com a sua consciencia e o seu dever, despreze as frivolidades mesquinas de ruins caprichos.

**Escola nocturna.**—Está sendo muito frequentada a escola nocturna d'esta villa.

Algumas noites que temos passado lá proximos, vemos muita gente que ali procura o alimento do espirito.

**Pedido inofensivo.**—Pedem-nos para publicarmos o seguinte:

«Pede-se ao actual sr. director do correio de Silves, não consinta no recinto aonde se distribue e despacha o correio, pessoas estranhas ao mesmo; como s. s. sabe, ha segredos que é preciso respeitar, e que pelo conhecimento das letras dos destinatários, aos destinatários se conhece pouco mais ou menos o objecto de que se trata; alias ver-nos hemos na necessidade de retirar a correspondencia, e irmos pedir que seja enviada em uma outra malha que segundo consta ha particularmente, levando depois tudo ao conhecimento superior; repito, isto em nada desejamos offendel o é apenas uma prevenção. Achamos também a conveniencia de ter fora da sua porta a fresta para meter as cartas, porque de noite, com a sua porta fechada de certo se não podem meter na caixa do correio.»

Effectivamente não pôde agradar este sistema de serviços dos correios que por assim dizer está em uso ou em abuso em quasi todas as direcções dos correios do Algarve.

A distribuição publica no correio e a faduldade que se dá a alguns particulares de assistirem e estarem proximos das mesas onde se faz o serviço é contrario ás recomendações officiaes de que este serviço deve ser muito secreto e privado.

Uma carta dada no seu sobre scripto muitas

pretenciosa? Se eu dava algum apreço, aos dons que o céu me retirou, é porque lhes devia o amor do meu João... Como poderá elle amar me, vendo me assim?

Neste momento entrou o medico. Tomou silenciosamente o pulso á doente, e mostrou-se mais satisfeito, depois tirou as compresas colhidas sobre as queimaduras.

Quando Margarida sentiu que as feridas estavam descobertas, pediu com voz supplicante que lhe dessem um espelho.

—Ainda não... mais tarde, minha filha, responder com suavidade, o medico.

—Então estou tão horrível, para que não queiram que me veja?

Ella quiz levar as mãos á cara:

Segurou-lhe os braços, ordenou o dontor á velha e a mim, que voltavamos a cara com pena, vendo a tão diferente do que era.

Margarida não se enganou com a expressão das nossas physionomias.

—Bem vos dizia eu, senhor cura, disse ella com um suspiro doloroso: é possível que elle me ame, quando todos tem medo de me olhar?

Passaram-se nove dias, durante os quais o medico veio frequentemente tratar das feridas da doente, que se cicatrizaravam pouco a pouco.

Esta, primeiramente devorada por uma agitação febril, parecia mais sozegada, e já

indicações que qualquer estranho pôde aproveitar com detimento do interesse do destinatário e uma repartição do estado não pôde nem deve prestar-se a servir de instrumento a estas coisas.

Nós pois, estendendo o pedido que nos fazem, da direcção do correio de Silves a todas do paiz lembramos ao sr. director geral dos correios a conveniencia de dar ordens terminantes n'este sentido.

Cumpre-nos contudo declarar que não vae n'isto incriminação ao pessoal dos correios que quando muito pecca por uma boa fé bastante desculpável.

**Gremio.**—Para a direcção do *Gremio Familiar de Portimão*, que tem exercicio no corrente anno, foram eleitos na ultima assembléa os srs. Luiz Philippe Pargana Teixeira e Castro, João Francisco Barbudo e Luiz Mascarenhas.

**Theatro.**—Deve hoje ter lugar no theatro de S. Camillo a recita dos curiosos que ali funcionam n'esta epocha.

Atrevemo-nos a recommendar que a noite será agradavel e que o publico sairá satisfeito d'um desempenho regular do lindo drama do nosso patrício e de duas chistosas comedias.

Na secção competente vae o annuncio.

**Commenta-se.**—Um vendedor de porcos havia vendido a um particular um porco que depois de morto foi reconhecido pelo fiscal de saude não ser capaz para alimentação pelo seu estado em resultado d'uma maceração que sofrera n'um quarto. Em virtude d'isto, o particular recusou-se ao pagamento com accordo do vendedor; foi um negocio particular com que nada temos. Ha porém uma circunstancia de interesse publico, que merece os nossos reparos.

A carne foi entregue ao vendedor e elle a levou para a vender novamente, aqui ou

Se a carne não estava pois capaz de servir á alimentação, porque se não mandou proceder ao seu enterramento, e se consentiu que o vendedor fosse enganar novos compradores e prejudicar a saude publica?

Nós desejamos ver cumpridos sempre rigorosamente todos os deveres do serviço publico e pômo-nos sempre ao lado da justiça embora tenhamos de desgostar amigos.

Neste caso está o nosso amigo dr. Pires fiscal de saude d'esta villa e que bem como ha pouco o defendemos com justiça, hoje o censuramos, sem contudo deixarmos de esperar que se justificara plenamente dos commentarios que em seu desabono tem corido.

**Refriaria.**—Teve um mez de licença para se ausentar o dr. José Alexandrino de Avelar, medico do partido da camera d'esta villa.

Ficou encarregado da sua clientela o dr. Joaquim Gonçalves Pires.

**D. Ilustradinho.**—Não deixa este abençoado colleguinha dos bonecos de nos atirar

onde eu a tinha mandado transportar. A veia mae e eu, velavamos havia trez dias á cabeceira do leito, esperando o momento em que esta voltasse a si.

Creio que por sentir uma dör muito forte o primeiro movimento que fez foi levar a mão á cara, mas como a sentisse envolvida em compressas e ligaduras que só deixavam livres, os olhos e a boca, exclamou:

—Meu Deus!... lembro me agora... a tempestade... o incendio... as chamas que me cercavam... Estou desfigurada!... Não é verdade?

Calamo nos ambos. O que ella dizia era a verdade... o elemento destruidor, respeitando o corpo, que o fato molhado pela chuva protegia, não lhe havia, em compensação pouparado a cara. Estes thesouros de belleza que tinham valido a Margarida o seu lindo cognome desapareceram para sempre. O medico, depois de pôr as primeiras ligaduras não tinha podido ainda dizer, até que ponto chegavam os estragos do fogo. Margarida viveu, mas acometesse o que acontecesse, a Perola de Valle, tinha desaparecido.

O nosso silencio, as lagrimas que nos maejavam os olhos, não deixavam á pobre ferida, duvida sobre o horror da sua infelicidade.

Ella levantou os olhos para o céu com uma expressão de resignação angelica.

—Tu o quizeste, meu Deus! disse ella, mas por piedade! permitte que João não me veja assim nunca!

—João!—repetiu Gertrudes, que imbera na afflicção que lhe dava uma catastrophe, de cuja causa ella se accusava, não tinha ouvido senão o nome do neto—não tardará muito que possamos abraçal-o.

—Então elle volta?

—D' aqui a dez dias.

Entregou a Margarida uma carta que ella lhe anciósamente, tinha uma letra estranha. João, convalescente no hospital, d'uma ferida recebida no assalto de Zaatcha, e pelo que recebera uma condecoração e a baixa, informava, por um dos seus camaradas, a avó e a noiva, da sua proxima volta a casa.

A carta precedia sómente dez ou doze dias.

Acabada a leitura, Margarida ficou tão triste que não havia nada que a pudesse distrair.

—Minha filha lhe dizia eu, a bellesa é uma flor passageira que os annos ou as doenças, acabam por murchar cedo ou tarde. O mais nobre adorno d'uma mulher, é o reflexo d'uma bella alma.

—A que a posse, nada tem a receiar do tempo, nem das enfermidades humanas,

Ella respondia-me.

—Oh! senhor cura, então voz julgaes me

pretenciosa? Se eu dava algum apreço, aos dons que o céu me retirou, é porque lhes devia o amor do meu João... Como poderá elle amar me, vendo me assim?

Neste momento entrou o medico. Tomou silenciosamente o pulso á doente, e mostrou-se mais satisfeito, depois tirou as compresas colhidas sobre as queimaduras.

Quando Margarida sentiu que as feridas estavam descobertas, pediu com voz supplicante que lhe dessem um espelho.

—Ainda não... mais tarde, minha filha, responder com suavidade, o medico.

—Então estou tão horrível, para que não queiram que me veja?

Ella quiz levar as mãos á cara:

Segurou-lhe os braços, ordenou o dontor á velha e a mim, que voltavamos a cara com pena, vendo a tão diferente do que era.

Margarida não se enganou com a expressão das nossas physionomias.

—Bem vos dizia eu, senhor cura, disse ella com um suspiro doloroso: é possível que elle me ame, quando todos tem medo de me olhar?

Passaram-se nove dias, durante os quais o medico veio frequentemente tratar das feridas da doente, que se cicatrizaravam pouco a pouco.

Esta, primeiramente devorada por uma agitação febril, parecia mais sozegada, e já

não falava da sua infelicidade. O decimo era da chegada de João, que todos receavam lembrar-lhe. Levantou-se-lhe cedo, affirmando que se sustinha melhor, e que um passeio devia fazer-lhe bem. Offerecia-me para a acompanhar.

—Muito obrigada, senhor cura, me disse, ella, sinto-me forte.

Aqui está a minha bella Gertrudes que de querer vir comigo.

—Dirigindo-se a esta, disse-lhe:

—Quereis vir, mae?... vamos resar aos pés da cruz, do bosquesinho... ha tanto tempo que a novejol! Creio que esta visita me dará felic

de vez em quando sua piada sempre pisa. Cuida que nos faz mossa e nós cada vez mais gostosos no bom retiro dos injuriados pelo ratão.

Agora gastou a sua graça por que nos fizemos de cor azul com a acclamação de D. Afonso. De negro nos vesteríamos nós se podesse ser.

Ha pouco atira nos uma phrase de lapanar em calembourg com uma nossa.

Enguli-a com sofrêguido.

Depois mette nos no *Hig-life*.

Esta foi a maior injuria.

Tem muito espirito o sr. D. *Illustradinho*. Continue que nos dá gosto.

**Estada.**—Estiveram entre nós do domingo passado em passeio de recreio os nossos amigos de Lagos. Diogo Guerreiro, Marcelino Peres, Francisco Alberto, alferes Silva, Fernando Oliveira e João Gaspar.

**Odesseize.**—Já baixou á direcção das obras publicas a ordem para se proceder ao concerto da egreja d'aquella freguesia que é de tamanha urgencia e que as intrigas politicas haviam demorado á atenção do governo instada pelo sr. Barros e Cunha a quem aquelles povos se dirigiram em tão justo pedido.

Felicitamos.

**O deficit.**—Ora ali está em que deram as blazonices dos do *Pimpão* com respeito ao deficit que era morto e que o novo orçamento do estado apareceria sem elle!

Pois todos se enganaram; o brejeiro lá se sentou entre os regeneradores que tanto dizem odiá-lo e com quem o patife parece estar em melhor comodidade.

Já é fingimento de patuscos; declararam guerra ao bixo e arranjaram-lhe um estado maior de compadres e para mais o *Pimpão* couraçado a apregoar as suas delícias!

O mais extraordinario n'isto é a maldita legenda d'este partido que lá vem estampada subrecticicamente no orçamento.

O poro pode e deve pagar mais e em quanto se faz esta ameaça vai-se promettendo ao funcionalismo a isempção de contribuições. Santa gente.

**Morte sentida.**—A esposa do nosso amigo Carlos Padua a sr. D. Francisca Effigie Leotte Padua, que acompanhou o seu marido para Coimbra onde fôrta cursar, morreu esta semana.

Era sr. na flor da vida, extremosa para seu marido e filhos e que gosava das maiores sympathias.

Foi uma noticia muito lastimosa n'esta villa.

Enviamos ao nosso consternado amigo dolorosos pesames.

**Industrioso roubo.**—Os nossos leitores não de estar lembrados d'um caso de roubo que contâmos em tempo se fizerá á esposa do dr. Parreira de Tavira. Sobre elle se nos depara na *Gazeta* o seguinte:

«Dizem-nos de Tavira:—Descobriu-se já o auctor d'um furto industrioso, feito ao sr. dr. Parreira, de Tavira, do qual deu conta o *Correio do Meio-Dia*. E' um rapaz novo da freguesia da Luz, chamado Miguel. Uma noiva proeza de que se sahiu mal, rendeu-lhe achar-se já na cadeia. Passou-se assim o caso, que lhe foi fatal. Miguel estava n'uma venda na Luz, aonde ouvira a um sujeito dizer que lhe deviam na Fuzeta uns 200.000 réis, produto da venda d'uma porção de vinho, e que cedo mandaria receber aquella quantia por precisar della. Não foi preciso mais. O nosso heroe apresentou se com uma carta ao devedor, dizendo que ali o mandavam para cobrar o dinheiro do vinho. Felizmente o homem desconheceu a letra da carta, e declarou que duvidava fazer lhe entrega da quantia pedida. Ouvindo isto, Miguel deitou as mãos á carta e fugiu. Este procedimento agravou a desconfiança, que mais tarde se reconheceu ser fundamentada; pois que com a prisão do larapio tudo se descobriu.

Miguel foi depois conduzido á presença da sr. dr. Parreira, a qual o reconheceu logo, como o author do furto industrioso, que pouco tempo antes a despojara d'algumas libras.

Vê-se que é um rapaz d'esperanças.

**Comissão de recenseamento.**—Teve lugar na quinta feira passada a nomeação da comissão de recenseamento eleitoral

d'este concelho para que se reuniram os 40 maiores contribuintes.

**O tempo.**—Ainda ficâmos esta semana sem papel porque de Lisboa nenhuns barcos tem vindo nem o que ha perto de dois meses tem embarcado o que encomendámos.

Valeu-nos para esta edição o nosso collega da *Liberdade*.

Agradecemos cordealmente.

**Escola regia.**—Ainda a digna professora regia nos pede hoje espaço para a sua questão com o nosso collega a *Liberdade* e onde a sua justificação é cabal.

No nosso empenho de advogar sempre a causa da justiça, apraz-nos que estranhos venham confirmar a asserção da nossa convicção de que a sr. D. Guilhermina estava inocente.

Tambem contamos que o cavalheirismo e nobresa do nosso collega convencido da ilusão do seu informador restituirá áquella sr. os creditos de que é credora.

**Cortes.**—O nosso patrício e talentoso moço de Loulé o dr. Marçal Pacheco também apresentou em camaras um projecto analogo ao do sr. Barros e Cunha para o prolongamento da estrada de Lagos a Sagres.

Não é deputado pela província este esperancoso cavalheiro mas cremos que ha de zelar com muito empenho a causa dos seus patrícios.

Apraz-nos ver sempre dedicações á causa commun dos nossos interesses, embora em grupos adversos na politica militante,

**Jornal dos agricultores do Algarve.**—Recebemos o primeiro numero d'esta publicação que viu a luz publica na província e que se corresponde aos seus bons fins depenharia um papel importante na nossa província.

E' uma publicação da sociedade agricola do nosso distrito e de cuja redacção foi encarregado o agronomo A. de Souza Figueiredo.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades. Agradecemos a oferta e trocamos com a nossa folha.

**Divisão judiciaria.**—No Alemtejo os povos estão descontentissimos com a reforma judiciaria que alterou profundamente o sistema de vida d'aquellas povoações.

Os jornaes das localidades todos os numeros trazem sua local corretiva.

N'algumas, povoações até o rancor que a reforma produziu, levantou odios á monarquia e ouviram-se gritos de viva a república.

E' a ordem dos regeneradores.

O *Pharol d'Odemira* que defendia o principio da reforma, condenna a agora pela applicação que lhe dão os regeneradores de capciosa injusta e caprichosa pela politica.

Boas coisas d'esta gente!

Cá o Algarve vae esperando a hora da expiação e felizmente que se lhe augmenta o tempo da anciadade.

Quando chegar a nossa vez a vingança ha de ser tremenda.

Se nós temos tantos crimes politicos contra a regeneração!

**Aviso.**—Já por vezes nós temos sido sacerdotes de que certos individuos com carácter oficial se servem da sua posição para os depreciarem e prejudicar os interesses em abono do nosso collega d'esta villa a *Liberdade*.

Nada nos importa do que contra nós digam adversarios que bem sabemos que temos de valer pelo que fizermos e não pelo que elles nos dispensarem de louvor ou viciupero.

Não podemos tolerar que porque a *Liberdade* defende a politica da situação as autoridades desviam de nós os particulares que queiram entregar-nos as suas questões.

Não alludimos ao collega que é talvez alheio a estes propositos, mas aos que para lisonjearem não hesitam em commetter d'estas vilas.

O caso já vae repetido e não reservamos considerações para quem as não guarda para nós.

Quem quer ser respeitado respeita também.

Desejaremos não voltar ao assumpto.

**Monarchia.**—Recebemos este jornal do Rio de Janeiro, folha que defende a colonia

portuguesa n'aquelle imperio.

Trocamos e agradecemos a atenção.

**Chuvas.**—Continua o tempo a fazer fiascos aos proprietarios e o desanimo vai grande com tais indicios de anno.

A secca passada foi grande e a d'este anno, se houver, prejudicará uma grande parte do arvoredo do Algarve, que segundo os enteadidos, não resistirá a duas secas intensas successivas.

Os trabalhos nos campos também são poucos e a classe proletaria não faz os ganhos que precisa.

Deus afaste um tão grande mal.

## COMMUNICADOS

*Sr. Redactor*

Não era proposito meu voltar mais ao assumpto de que me ocupei na carta que tive o gosto de dirigir a v., mas a mercê que me fazem os signatarios do valioso documento que junto envio, impõe-me o dever de o fazer, sendo o meu sim especial agradecer o acto de consideração e justiça que tanto me honra, e que bem mede a grandeza de animo das pessoas que o praticaram.

Se não fôra elle, teria eu de supportar o rigor immerecido da *Liberdade*, e, revestir-me de força e valor para ver correr impunemente o facto que se me assacou.

E devo eu considerar o duplamente valioso, quando além de provar a verdade do que assegurei, elle importa um protesto, formal e solemne, contra o que a *Liberdade* disse.

Insistiu aquelle periodico em querer convencer o publico de que o seu informador era incapaz de faltar á verdade. Mereceu lhe mais confiança a declaração do queixoso do que a minha. Fez bem. Estava no seu direito.

E se ainda quizer ocupar-se da minha humilde pessoa como disfôr de haver o desmentido, pode fazel-o. Talvez pôr em que não; porque ainda assim e apesar de tudo, tenho obrigação de considerar cavaleira toda a pessoa que redige um jornal.

Dito isto a *Liberdade* e o publico me dispensaram de dizer mais uma palavra sequer sobre um tão desagradável assumpto.

Serviulo-se v. publicar esta minha carta eo documento a que aludo, se confessar agradecida quem é de

V. etc.

Portimão 14 de Janeiro de 1875

*Guilhermina Augusto Teixeira da Silva.*

Nós abaixo assinados, vendo que pela imprensa se acaba de fazer uma acusação injusta á ex.ª sr. D. Guilhermina Augusto Teixeira da Silva, intendemos do nosso dever, em abono da verdade e da justiça, declarar que o suposto facto a que allude é falso.

A criança alguma aquella sr. fez esfregar o chão com o rosto. Assim o asseguramos com o depoimento inocente de nossos queridos filhos em quem confiamos inteiramente.

Além d'isso o conhecimento que temos das excellentes qualidades d'esta sr.ª, a quem está confiada a educação d'esses nossos filhos obriga-nos ainda a essegurar que ella é digna da nossa muita consideração e respeito.

Assim o declaramos n'este documento que temos o prazer de depor em suas mãos, Somos com todo o respeito etc.

Portimão 11 de Janeiro de 1875

*Antonio Garcia Domingues.*

*D. Maria Barbara d'Andrade do Valle*  
*O general Onofre Lourenço d'Andrade.*

*Antonio Manoel Rodrigues d'Azevedo*

*Guilherme Quintino d'Avellar*

*Marei Hirma Ysolle.*

*Jean Dugos.*

*D. Anna Teixeira Biker Barbudo.*

*Francisco Soares Netto.*

*Jean Joseph Barik.*

*Sr. redactor*

Portimão, 14 de Janeiro de 1875.

No correio de 12 do corrente enviamos para a *Gazeta do Algarve* uma carta da qual remetemos a v. a copia e pedimos o obsequio de a fazer publicar no seu illustrado periodico.

Rogamos este obsequio a v. porque a nossa carta enviada á *Gazeta* não chegou a tempo de ser publicada do seu ultimo numero, e nós desejamos esclarecer o publico o mais depressa possível.

Somos de v. etc.

*Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa.*  
*Francisco de Paula Marreiros Baptista.*

*Ex.º sr.*

Vem no numero 106 do seu jornal, *notas ao texto do folhetim*, entre outras diversas alusões, algumas phrases, que segundo me disseram mesmo antes de aqui chegar a sua folha, se referiam á minha humilde pessoa, mas para mim, passaram completamente desaparecidas ou por mofa de bom gosto, se não me imputasse, e a outrem um facto absolutamente impossivel. Por estas circunstancias, pois, pego-lhe uma pequena rectificação, a que não terei mais que fazer senão juntar a ás horas que tenho recebido, já de v. ex.º, já de muitos homens de letras do nosso paiz.

Nas alludidas *notas* falla v. ex.º sr. redactor, em rapto. Ora, é isto um facto que me admirou: Eu rapto? Parece-me que não pode ser. Eu despedi-me da *Gazeta* no dia 2 d'agosto, pedindo a dispensa dos meus serviços ao sr. dr. Azevedo, porque não queria ser explorado, fazendo par anno e comissão de deis volumes em oitavo, sem augmento de salario ou causa que se podesse e n'esta conjuntura disponha-me a partir para Lisboa; e só depois de oito dias, isto é, em 9 do mesmo mes, é que me contratei aqui. Como seria possível então o rapto?

Falla V. ex.º tambem em rapto da segunda *ama*, que melhor merecia ser tratado por *cria*; esta *ama* ou *cria*, ofereceu-se, e isto, supponho eu que por um principio muito racional porque ninguem pode dar o que não tem; elle queria aprender a arte typographica; e quem o ensinaria ali?—Concedendo-lhe a sublime faculdade de racinar que a natureza concedeu ao homem, não pensou elle bem?

Um typographo não pode ser em these, nem um poder imaginario pode fazer um Miguel Angelo em um Constantino; é necessário uma realidade e conhecimento das bons tratados, dos bons mestres e escola.

Imaginar um aprendiz sem haver mestre... Isto, segundo as theorias economicas, é querer disfrutar as forças physicas e o capital do tempo a troco d'uma couza illusoria.

A typographia a que pertence hoje preciso sou de mais um operario; ora, o meu aprendiz que tinha ficado n'essa cidade, por muitas vezes me manifestará desejo de acompanharmo para onde fosse; porque, tendo eu sido seu mestre, desejava aprefeiguar-se na arte. Se eu fosse para Lisboa, provavelmente elle para lá iria logo que se oferecesse occasião; fiquei no Algarve, houve oportunidade, satisfez o seu desejo.

Estas são as razões que acarretaram para aqui a segunda *ama* *cria*, e que apesar de não ser esta feita em publico e razo comigo a assigna, e pede a v. ex.º, igualmente, a publicação d'estas linhas na sua *Gazeta*, para esclarecimento da verdade e para que o publico fique bem sabendo que nós não somos tão ingenuinhos que nos deixasse-mos iludir ao rapto; agradecendo desde já aos nossos redactores a delidadeza de nos aceitarem esta declaração e o obsequio de a fazerem publicar.

Portimão 12 de Janeiro de 1875.  
*Francisco Soares Franco Ferreira Lisboa*  
*Francisco de Paula Marreiros Baptista*

## ESPECTACULOS

**THEATRO DE S. CAMILLO**—(*Nesta villa*)

HOJE 17 do corrente. O drama em 2 actos do sr. dr. Formosinho *Sorrisos e lágrimas* no qual toma parte a actriz de Silves, Maria dos Santos Ferreira.

A comedia em 1 acto <i

# ANNUNCIOS VENDE-SE

## A TRIBUNA

QUARTA SERIE

Proprietario e director politico  
Antonio Justiniano da Silva Barros

O lado da imprensa do nosso paiz re-presentamos um papel digno da nos-sa epoca:—a discussão dos principios mais assentes e irrefragaveis da politica moderna, a deseza systematica da ordem, da justiça e do direito, e, além d'isso, a resistencia contra todos e quaequer ataques ao decôro, à honra, e à liberdade dos nossos concidadãos em qualquer parte do mundo onde elles existam.

Foi dásde o principio estes o nosso pro-gramma, como atamente o temos demons-trado até à 4.ª serie d'este semanario, e co-mo continuaremos a evidencial-o até ao fim.

Estamos firmes no nosso posto de combate:—não são capazes de desvairar nos nem as columbiais cobardes d'aquelles, que nos chamarem demagogos, porque a primeira illusão do nosso paiz veiu generosamente coadjuvar-nos, nem tão pouco os scelerados da imprensa dô Brasil, porque lhe esculpimos na face o ferrête da infamia e da men-tira.

Presistiremos na liça, embora para isso empenhemos vida e fazenda, porque visamos mais alto do que o interesse proprio, e pre-cisamos de cumprir a nossa missão.

O fim da imprensa é este:—pugnar pelo bem publico e pelos direitos de cada um. Eis a nossa divisa.

*de Tribuna* é semanal, em formato grande, oito paginas, e sahe aos domingos.

A correspondencia deve ser dirigida para a redacção, calçada da Patriarchal, 14, 1.º

## ESCRITORIO COMMERCIAL

L. S. P. Mascarenhas previne as pessoas das suas relações commerciaes que o seu escriptorio é na rua Direita n.º 61 nas casas de sua residencia, onde pôde ser pro-curado todos os dias das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

## AGENCGIA

DE  
JORNALIS DE MODAS E OUTRAS PUBLI-CACOES

## CORREIO DA MODA

(Edição de senhoras)

Publica-se nos 2, 10, 18 e 25 de cada mez.

Cada numero de 8 paginas de impressão é acompanhado de varios figurinos, debuxos para bordar, e todos os mais artigos perten-centes ao bello sexo.

Preço por anno 8.000 réis, semestre 4.000 réis, trimestre 2.500 réis.

## CORREIO DA MODA

(Edição d'alfaytes)

Publica-se uma vez por mez.—Preço por anno 4.000 réis, semestre 2.000.

## ALBUM

DE

## LETTRAS

E debuxos para bordar

Publica-se uma vez por mez.

Preço por anno 5.000, semestre 2.500, trimestre 1.500 réis. Numero avulso 500 réis.

Todos os pedidos de assignaturas para es-tas publicações acompanhados da sua im-por-tancia em valles do correio, serão dirigidos a Manoel Pinto Monteiro, rua do Monte Oli-vete n.º 37 3.º andar—Lisboa.

## MADEIRA DE PINHO

DE VILLA DE CONDE

J. Bernardo Mascarenhas tem á venda boa madeira de pinho pelos preços seguintes: Soalho 1 duzia 2.000. Forro 1.500. Forro e meio 1.500.

Faz-se reducção nos preços em grandes quantidades.

## VENDE-SE

Vende-se uma vela e cabo usados para serviço n'algum barco.

Quem pretender pode vel-a no armazem de J. B. Mascarenhas na rua da Guarda.

**N**º caminho. Por Madrid. Um Philippe e dois Bourbons. De como Velasquez tinha uma cos-tella portuguesa. O Prado. O rei Amadeu. Hospital general. Pintura Ispanholha. O Museu. Os quintos. A legitimidade de D. Carlos. Até Santander. D. João e D. Joãozinho. S. Sebastião. As Vascongadas. A politica Ispanholha. S. João de Luz. Entre saltadeiros. Bayona. O Santa Cruz. A pintura em vidro. Até Paris. O Sena Os caes. A Saint Barthélémy. Cocheiros e policias. O anun-cio. Campos Elyseos. O Panorama. Vestígios da Cunha. O absyntio. As Tulheies. Dramas e theatros. A pintura francesa. O Louvre. Boulevards. A File de madame Angot. Rienan, Favre.

PREÇO 500 REIS.—Depósito: 136 rua do Ouro 138, livraria, Lisboa.

# HESPAÑA E FRANÇA

VIAGENS

POR LUCIANO CORDEIRO

## ATTENÇÃO

Na redacção d'este jornal se diz quem to-ma conta de toda a qualidade de roupa bran-ca para fazer e engomar e concertar por preços muito comodos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

## NOITES DE INSOMNIA

Publicou-se o n.º 12 pertencente ao mez de dezembro. Preço 200 réis. O anno completo de 1874, 12 volumes 2.400 réis.

Na livraria internacioanal, de Ernesto Cherdron, editor no Porto.

## BATA TAS

QUEM pretender batatas de Hollanda a 300 réis os 45 kilos vá aos armazens de J. L. Gomes em Portimão.

## DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencia, membros do clero e magistrados, todo medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o título e diploma de doutor, ou bachelar honorario, podem dirigir-se a Medicus rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra).

## BIBLIOTHECA

## ROSA ILLUSTRADA

## INFANCIAS

## GELEBRES

POR M. LOUISE COLET

Tradução

de Pinheiro Chagas

Ornado com gravuras

A' venda em Lisboa na rua do Thesouro Velho n.º 22.

## LUIZ S. P. MASCARENHAS

DEPOSITO EM PORTIMAO

DE tabacos das fabricas Luso-Britanica Lisbonense e Regalia.

Rapé das melhores qualidades. Fazem-se descontos nos preços. Escriptorio na rua Di-reita n.º 61.

# NOVO CURSO DE CALIGRAPHIA

Por A. P. Correia

(Director do collegio de S. Paulo)

Preço 160 réis

Vendem-se em casa de Francisco Antônio Correia em Estombar e nas prin-cipais livrarias de Lisboa.

## VINHOS DA ULTIMA COLHEITA

Ha uma alega na rua dos Quarteis arma-sem nas casas do ex.º sr: capitão do porto. Quem pretender dirija se a João de Sant'Anna, official de carpinteiro.

## BIBLIOTHECA

## UNIVERSAL

## LICAO AO MESTRE

ROMANCE ORIGINAL

POR A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

Continuando o favor publico a proteger a empresa da Biblioteca Universal, em nada tem os editores esquecido taminha prova de consideração, procurando satisfazer quanto possivel os desejos dos seus obzequiosos assignantes e leitores.

O nome que esta empresa tem hoje a satisfação de apresentar no alto d'este pros-pecto é de um dos mais conhecidos e lau-reados escriptores portuguezes.

Os seus livros, sempre procurados com avidez, e consumidos rapidamente as edições asseguram exito feliz á nova obra, exito que virá mais uma vez comprovar que não tem sido infructuoso os esforços empregados pelos editores da Biblioteca Universal para implantarem em Portugal o gosto pelos ro-mances nacionaes, cuja decadencia era ha pouco de todos conhecida.

Contém cincoenta e dois capitulos o pre-sente romance. Se em alguns d'elles tem o leitor de admirar a imaginacão do author pela fluencia do dialogo e pela complicação do enredo, não terá menos que extasiar-se diante de outros muitos, que primam na pureza da linguagem, tão peculiar nos es-criptos do mestre.

Inumeros personagens tomam parte n'este livro, cujas peripecias se encadeiam primo-rosamente, e captivam a atençao do leitor.

Os acontecimentos sucedem-se com a ra-pidez do relampago, em alguns pontos ap-arecem verdadeiras figuras historicas dos primeiros annos d'este seculo, e o assun-pto principal do romance diz respeito a uma familia conhecida da província do Minho, e anda na tradição popular em parte d'aque-las regiões.

Quizeremos falar d'alguns tipos, cujas li-nhas vigorosas os fazem destacar no meio do emmaranhado labirintho, mas, são elles ainda assim tantos, que ocupar nos-his o es-paço de que não podemos dispôr. Aguar-daremos pois a opinião publica, e esta que ajuize imparcialmente do merito e valor da obra que apresentamos.

## CONDICÕES DA ASSIGNATURA

A LICAO AO MESTRE dividir-se-ha em dois vo-lumes de 352 paginas cada um, os quais serão pu-blicados como os anteriores romances, em fascicu-los semanais de 32 paginas.

Preços por assignatura em todo o reino:—Cada fasciculo de 32 paginas 50 réis. Cada volume bro-chado 550 réis. Obra completa 1.100. Cada volume encadernado 700 rs. Obra completa 1.300.

As assignaturas de Lisboa são recebidas no proprio domicilio e pagas no acto da entrega. As das provincias, illas e ultramar podem ser feitas em casa dos correspondentes da empresa, a quem de-verão ser pagas, ou dirigidas directamente ao es-criptorio em Lisboa, rua dos Calafates, 93, devendo n'este caso vir acompanhadas da sua importancia em estampilhas, vales, ordens, etc.

## BIBLIOTHECA

dos

## ROMANCES ESCOLHIDOS

Tem por sim esta biblioteca a propaga-ção de leitura sempre escrupulosamente es-colhida, e por preços tão limitados que este-jam ao alcance dos menos favorecidos da for-tuna.

Publicará, o minimo, um volume por mez, de não menos de noventa e seis paginas de impressão, já dos melhores e mais conside-rados remancistas estrangeiros, já originaes dos nossos mais festejados escriptores.

O formato será o de oitavo portuguez, bom papel e bom tipo.

Não faz a empreza da Biblioteca dos Ro-mances Escolhidos, promessas pomposas; o tempo e a maneira porque hade haver-se com aquelles que a honrem com as suas assigna-turas hão de mostrar quanto ella será mer-ecedora da protecção, que confia alcançar.

Apenas afiança que á proporção que o numero dos seus assignantes fôr augmen-tando, assim augmentará o numero de paginas dos seus volumes, melhorando, quanto possivel seja papel, impressão, tipo, etc.

Preço de cada volume 100 réis para o as-signante.

Avulso 120 réis.

Para a província os mesmos preços.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Manoel Pinto Monteiro, Rua do Monte Oli-vete, 37, 3.º andar, Lisboa.

Está no prelo o interessante romance de Elié Berthet—O Filho do Uzurario, traduc-ção de Reynaldo d'Assis.

Está publicado o 1.º volume.

## VINHOS

DAS DUAS ULTIMAS COLHEITAS

L. S. P. Mascarenhas, previne os com-pradores de vinho por grosso, que tem excellentes vinhos da ultima colheita e que estão expostos á venda.

Também tem algumas vasilhas de vinho do anno passado, muito bem conservados.

Procure-se no escriptorio na rua Direita n.º 61.

Fazem-se vendas a prazos em condições.

## ALMANACH DAS ARTES

## LETTRAS

Revista de Portugal e Brazil

ILLUSTRADO COM GRAVURAS

Este Almanach, collaborado por alguns dos nossos mais estimados escriptores, rivalisa, sem duvida, até no custo com as publica-ções francesas, inglesas e allemandas da mesma indole.

## ATTENÇÃO

TINTAS líquidas preparadas promptas para emprego immediato. Estas tintas tem uma grande reputação e um enorme con-sumo.

O facto de estar a fabrica estabelecida des-de o anno de 1747, he a mais segura ga-rantia para o consumidor.

Ha deposito em Lagoa na loja de João Lopes dos Reis em latas de 5—2 1/2—1 e meia kilo em todas as cores. Preço por cada kilo a 400 réis excepto a verde que é a 480 réis.

## AVISO

Na construcção da casa de Luiz Mascarenhas á rua Direita se dà a quem pretender, terra de rocha propria para taipas, aterros e outros serviços.

Quem quizer pôde aproveitar-se n'esta epo-cha em que o dono precisa desfazer-se d'ella.